

MULHERES LACRIMOSAS NA RUA DA AMARGURA: A PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DA SOLEDADE EM SÃO CRISTÓVÃO

Magno Francisco de Jesus Santos¹

As Memórias como Discurso e Fonte Histórica

Por ser o principal evento religioso de São Cristóvão, a solenidade de Passos foi alvo passível de diversos registros. Podem ser encontrados relatos sobre a procissão em documentos de diferentes tipologias como diários, oralidades, fotografias, anúncios de jornais e obras memorialistas. Tais obras, muito difundidas ao longo do século XX, caracterizavam-se por relatar com certa minúcia os principais episódios e eventos de uma cidade.

No início do século XX em diferentes estados do Brasil surgiram obras de cunho memorialista. Essas obras têm como característica comum o tom saudosista e melancólico. Os autores pareciam estar preocupados com as mudanças aceleradas, com as transformações no modo de vida. Sob esse prisma, seus relatos podem ser vistos como uma tentativa última de preservar, salvar ou cristalizar algo que estava caminhando para o fim, ou seja, os memorialistas registravam algo que não existia mais ou que estava em transformação acelerada.

Neste ínterim, um elemento presente nas obras memorialistas é a saudade. O saudosismo é expressado em quase todos os aspectos relatados pelos memorialistas, seja ao lamentar a demolição de uma igreja ou casarão, seja ao desabafar que seu relato retrata uma realidade de outrora. Esta situação está presente no *Anuario Christovense* de Serafim de Santiago:

Torna-se necessário terminar esta narração scientificando ao filho ou netto que este acto da Tradicional procissão dos Passos em minha Terra, isto é, os que actualmente se effectua (1920), está muito differente e resumido; nota-se a falta de irmãos terceiros de ambas as ordens; de muitos bons músicos já fallecidos que nessa ocasião prestavão relevantes serviços no desempenho das musicas sacras, e muitas outras faltas causando grande differença do que acabo de historiar, effectuado a cuca de 45 anos passados. Imagine meu filho ou netito, os que se effectuavam no tempo da Capital ali?! (SANTIAGO, 1920, p. 27v).

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

O depoimento de Santiago é enfático. Trata-se de um testemunho destinado a seus filhos e netos. É a tentativa de preservar a memória de um contexto que estava mudando, adequando-se a um novo tempo, a uma nova realidade. Esta pode ser definida como a principal finalidade das obras memorialistas: delegar a memória de um passado para posteridade. Dentro do contexto saudosista apresentado por Serafim de Santiago podemos encontrar outros elementos reveladores. O autor sancristovense não descreve os eventos contemporâneos à sua escrita, mas sim, as suas experiências ao longo da vida, com ênfase para a época da juventude. Partindo desta constatação, pode-se dizer que a obra memorialista traz em si um diálogo entre três períodos distintos.

Assim, o *Anuario Christovense* apresenta a visão de Santiago (em 1920) sobre a cidade de São Cristóvão de outrora, no caso, da época de sua juventude, destinando-a às gerações futuras. No texto, passado, presente e futuro se encontram. São três gerações em diálogo. A obra deve ter sido escrita em 1920, mas não retrata este período e sim, o cotidiano da cidade nas últimas décadas do período imperial. Mesmo assim, os relatos sobre este período devem ser interpretados com algumas ressalvas, por se tratar do depoimento do autor sobre a sua época de juventude. É o olhar do início do século XX sobre o final do XIX. No caso, temos uma releitura do passado, muito semelhante à oralidade, pois é o passado sendo redimensionado, repensado e recuperado pelo presente.

Em princípio, o texto memorialista é portador de múltiplos discursos. Diferentes vozes podem ser ouvidas em memórias como a de Serafim de Santiago, tendo em vista que o discurso é implícita e explicitamente heterogêneo. Assim, o discurso não é exclusivo do sujeito, mas é também do seu grupo, do seu tempo, do seu lugar, de sua ideologia e do outro. Na heterogeneidade discursiva podemos observar que:

Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo). Nesse sentido, questiona-se aquela concepção do sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte de sentido (...), porque na sua fala outras vozes também falam (BRANDÃO, p. 49).

Esta situação está engendrada na obra de Santiago. No *Anuario Christovense* pode ser ouvida uma multiplicidade de vozes. No dispositivo discursivo do

memorialista sancristovense estão presentes as vozes do autor (tanto a fala de 1920, quanto a do final do século XIX), dos seus contemporâneos, além de inúmeras vozes do período imperial. Todas essas vozes apresentam-se explicitamente na obra, demonstrando uma complexa rede discursiva. Em diferentes momentos o autor revela a fala do outro, ao se referir que:

Esta narração ouvir repetidas vezes do meu velho amigo—Apolinário Joze de Moura. De muitas mortes ainda hoje me recorda, todas em consequência do mal entendido divertimento, assim como desconfianças de amizades de famílias christovenses (SANTIAGO, 1920, p. 18-18v).

No entanto, nem sempre as vozes apresentam-se explicitamente. Muitas vezes o outro aparece silenciado ou até mesmo por meio da ausência. A ausência e o silêncio também podem ser vistos como indícios reveladores, para isso eles devem ser buscados nas entrelinhas do texto, tendo em vista que o enunciado pode mascarar um sujeito.

O texto memorialista além de ser detentor de múltiplos discursos, é um documento, uma fonte histórica. Pelas características que já foram expostas, a obra memorialista é um testemunho sobre épocas distintas, tendo em vista que o relato retrata uma época interpretada pelo olhar de outra. É a convergência de períodos, olhares, versões, na qual presente e passado se cruzam. A história é feita por meio de documentos, de testemunhos que podem ser vistos como a ponte que liga o historiador ao passado.

Com a ascensão da nova historiografia proposta pelos Annales, eclodiu o estudo de novos objetos como folclore, cotidiano, morte, festas e imaginário. O alargamento temático só tornou-se possível graças à redefinição do conceito de documento. Na *Nouvelle histoire*, a noção de documento não se restringe apenas aos registros escritos oficiais, mas abrange todo e qualquer vestígio deixado ou produzido pelo homem. Com isso, emergem documentos antes negligenciados como fotografias, edificações, cartas, diários e relatos memorialistas. Tais relatos constituem uma valiosa fonte para o estudo das novas temáticas historiográficas.

Nos escritos dos memorialistas estão registrados os mais variados aspectos do cotidiano como as crenças, festas, folguedos, espaço urbano e procissões. No caso do *Anuario Christovense*, atrelados aos relatos percebe-se a nostalgia e saudosismo dos antigos tempos de capital. A cada aspecto narrado o autor remete à grandiosidade que tivera no período em que São Cristóvão ostentava o título de capital sergipana. A obra

de Serafim de Santiago é, antes de tudo, o depoimento de um sancristovense. Esta situação pode ser observada em diversos momentos do texto, no qual o memorialista busca engrandecer a Velha Capital em detrimento de sua substituta, Aracaju, ao convocar para que seus leitores:

Imaginem o prazer das pessoas residentes em S. Christovão nestes dias, vendo juntos a si seus parentes e amigos que a força da necessidade moravam na nova e insalubre Capital de Aracaju, sujeitos a moléstias, devido aos grandes pântanos da praia selvagem! (SANTIAGO, 1920, p. 19).

Como todo documento, a obra memorialista deve ser submetida à crítica histórica. As memórias também são discursos que trazem em si intenções implícita ou explicitamente reveladas. Ao se debruçar sobre um documento desta tipologia, o historiador deve atentar-se para alguns elementos intrínsecos ao texto. Um destes elementos é o destinatário. Cada obra memorialista é destinada a um público diferenciado e isso interfere na forma como a mensagem é expressa. Afinal, qual é a finalidade de uma obra memorialista?

Cada obra tem a priori, um público definido, o que não impede que outros leitores possam ter acesso ao texto. Um exemplo elucidativo dessa afirmativa é a produção de Antônio Egídio Martins, que nas primeiras décadas do século XX escreveu artigos de cunho memorialista para os principais jornais paulistas. No entanto, cem anos após a veiculação de seus textos na imprensa, eles foram reunidos e publicados em livro por ocasião das comemorações dos 450 anos da fundação da Vila de São Paulo de Piratininga. O discurso do memorialista chega a novos ouvidos. É comum as obras deste tipo serem publicadas, como ocorreu com as memórias de José Sisenando Jaime e Antônio Martins.

Entretanto, a obra do memorialista sancristovense nunca chegou a ser publicada (ou pelo menos ainda não foi editada). Isso fez com que houvesse natural restrição no acesso a esse relevante testemunho do cotidiano de São Cristóvão nos últimos decênios do XIX. Existem apenas dois exemplares manuscritos conhecidos que atualmente se encontram no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) e no Instituto Tobias Barreto (ITB). O próprio autor, talvez em ato de humildade, ao escrever expressou que seus relatos destinavam-se aos seus familiares ao escrever que “torna-se necessário terminar esta narração scientificando ao filho ou netto” ou que “imagine meu filho ou netito” (SANTIAGO, 1920, p. 27v). De qualquer forma o autor foi perspicaz em

elucidar que o propósito de seu trabalho é delegar às gerações futuras a memória sobre seu período em São Cristóvão. Assim, como todo documento, trata-se de uma memória construída intencionalmente, uma tentativa de perpetuar suas lembranças. Trata-se de um monumento.

2-Olhares Intelectuais sobre os Passos

Por ser o principal evento religioso de Sergipe e por apresentar aspectos peculiares, a solenidade de Passos foi observada pela intelectualidade sergipana, seja como objeto de estudo, seja como curiosidade. Os principais registros foram realizados nas primeiras décadas do século XX, entre os quais se destacou o trabalho “Ao romper do Século XX: o município de São Christovam” do sancristovense Manuel dos Passos de Oliveira Telles². Ao abordar sobre a religiosidade e as festas populares do município o autor abre espaço para ressaltar a relevância e imponente da solenidade de Passos, dando ênfase para a procissão do depósito. A obra pode ser vista como um estudo de cunho etnográfico, no qual Oliveira Telles apresenta minuciosamente os detalhes das práticas devocionais existentes nas procissões. É o único estudo do primeiro quartel do século XX que registra de forma explícita as práticas ex-votivas, as diferentes expressões e atos de desobriga.

A sensibilidade perceptiva do autor não se limita às expressões visuais da procissão, tendo em vista que ele penetra no embaraçoso e fascinante imaginário que envolve a solenidade. Este aspecto é revelador na descrição dos episódios interpretados pela população de São Cristóvão como milagres. Devido a tais circunstâncias, a obra de Oliveira Telles é um documento indispensável para o estudo da solenidade de Passos nas primeiras décadas do século XX, principalmente para o pesquisador que busca compreender a participação dos segmentos populares. O autor permite a fala dos silenciados.

² Trata-se de um importante e original estudo composto de nove capítulos que abordam sobre diferentes aspectos de São Cristóvão como folguedos, história, imaginário, meio natural e físico, religiosidade e sociedade. Foi publicado no jornal “O Estado de Sergipe” entre os meses de março e abril. Infelizmente é um texto que corre sério risco de perder-se pelo descaso. Os poucos exemplares desse jornal existentes nos acervos das instituições de pesquisa de Aracaju estão completamente fragmentados. É uma obra que deve ser reeditada urgentemente. Recentemente foi apresentado um estudo biográfico sobre o autor a partir de suas cartas íntimas. Cf. CHIZOLINE, Isabela Costa. *Simplesmente um obscuro intelectual sergipano: escritos sobre a vida íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928)*. São Cristóvão, 2005, 130f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

Outro olhar relevante sobre os Passos de São Cristóvão é a nota jornalística de Gumercindo Bessa. Em 1910 o jurista estanciano publicou o artigo “Domingo de Reminiscere” no “Diário da Manhã”, no qual ele relata a sua primeira (e única) participação na solenidade do Senhor dos Passos ocorrida no ano de 1886. O texto assinado sob o pseudônimo Marfório, mescla elementos poéticos e humorísticos, no qual destacam-se a presença de sete personagens: Luiz Pitanga, o armador; Manuel Góes, presidente da Província; Rastelli, juiz de direito da comarca; Oséas, secretário de governo; Antônio Dias, o Barão da Estância; Marfório, o observador e o Senhor dos Passos, o perene. Com estes personagens Bessa traça um perfil elucidativo da participação da elite política sergipana na procissão, demonstrando tanto os aspectos devocionais, como as práticas de legitimação política (que não é objeto deste estudo). O desfecho do enredo é trágico-cômico. Bessa apresenta a situação dos personagens em 1910 e constata que a maioria já havia falecido, enquanto outros tinham engordado (simbolizando a decadência), só permanecendo intacto o Senhor dos Passos. Assim, para o autor os devotos passam, mas a devoção permanece.

Em 1920 dois intelectuais sergipanos lançaram o olhar sobre a Procissão dos Passos. Clodomir de Souza e Silva, ao falar sobre São Cristóvão no “Álbum de Sergipe” destaca ligeiramente a devoção dos aracajuanos ao Senhor dos Passos, ou seja, como na maior parte dos trabalhos analisados, trata-se de um olhar superficial sobre o fenômeno devocional, ao dizer:

S. Christovam aguerrida e assediada, tantas vezes perseguida, quantas victoriosa; vibrante de patriotismo contra Ginnseilingh e contra Andrés, contra Villa Nova e contra os indígenas, e dolorida de angustia quando Ignácio Barbosa arrancou do seu seio, aos clamores do povo, os cofres e os arquivos. S. Christovam, lendário nicho onde vão os aracajuanos ver o echymosado Senhor dos Passos, quando o sino grande do Carmo enche de dolentes soluços, a hora do sol-pôr, a profunda tristeza do Valel do Paramopama (SILVA, 1920, p. 83).

O segundo estudo de 1920 apresenta um olhar mais minucioso. Serafim de Santiago apresenta no “Anuario Christovense” uma criteriosa descrição da solenidade, enfocando aspectos como a origem da devoção, caminhada e recepção dos romeiros, ornamentação das imagens e charolas, participação das irmandades, ordens terceiras e elite política, procissões e retorno dos fiéis (os principais momentos da romaria estão apresentados no tópico seguinte). A obra do memorialista sancristovense é a única que aborda sobre os bastidores da celebração. O autor reconstrói o panorama das preparações do maior evento religioso de sua terra natal nos mínimos detalhes,

indicando os responsáveis por cada função e o papel das associações religiosas na solenidade. A riqueza de informações presentes no texto de Santiago não é desproporcional, tendo em vista que ele foi testemunha ocular dos mais secretos episódios da celebração, como a troca da vestimenta da imagem. Contribui para que o memorialista pudesse realizar suas observações de uma posição privilegiada o fato dele ser compadre do armador Justiniano da Silveira e cunhado de alguns músicos da Orquestra Sacra³. Por ser íntimo de alguns dos organizadores da solenidade, Santiago teve a oportunidade de presenciar aspectos pouco visíveis para os demais estudiosos. Em algumas ocasiões como a da ornamentação da charola as portas do Carmo se abriam para o memorialista e se fechavam para os demais curiosos, como ele mesmo afirma:

Depositada a Imagem no centro da charola, elle Justiniano, que estava incumbido por antiga devoção, de despir e vestir novamente a referida Imagem; acto continuo, tratava, primeiro que tudo, de evacuar a Egreja, só ali ficando o velho— Maximiniano Teixeira de Jesus, e eu Serafim de Sant'Iago, pela grande consideração que a elle era dispensada pelas pessoas de minha família de quem era compadre e amigo velho, pois elle no acto de despir e vestir a Imagem, não admittia pessoa alguma, com especialidade meninos (SANTIAGO,1920, p. 20v).

Após as memórias de Serafim de Santiago as produções acerca da Procissão de Passos tornaram-se esparsas. Em algumas décadas predominou o silêncio quase que absoluto, dando a entender que a solenidade estava deixando de chamar atenção aos olhares da intelectualidade local. A procissão só voltou a ser focada por um trabalho de relevância na década de 1940. Após ter passado um longo período oculta dos olhares dos estudiosos sergipanos, a solenidade foi descrita de forma breve no livro “Sergipe e seus municípios” do IBGE no ano de 1944. Apesar de ser reduzida, a obra registra as práticas penitenciais existentes na procissão do depósito e a grande convergência de romeiros das mais variadas recônditas localidades sergipanas.

A solenidade de Passos voltou a ser foco do olhar da intelectualidade sergipana em 1959 com o estudo de João Oliva Alves para a “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros”. A obra consiste em um relevante estudo de carácter etnográfico, na qual o

³ Nas primeiras décadas do século XX os passos eram cantados por um coral formado só por homens. Alguns membros desse coral passaram a integrar a Orquestra Sacra, que participava das principais solenidades religiosas de Sergipe como na procissão de Bom Jesus dos Navegantes de Aracaju (da qual estavam presentes no fatídico acidente de 1911) e do Senhor dos Passos de São Cristóvão. Entre os membros da orquestra destacavam-se os irmãos Abrão, Arão e Isaque, cunhados de Serafim de Santiago.

autor debruça seu olhar sobre os mais variados aspectos da manifestação religiosa. São abordados a origem da devoção e os atos penitenciais existentes nas duas procissões. O estudo de Alves é um dos mais conhecidos entre todos que já abordaram sobre a referida temática. Prova disso é que a partir da década de 1960 o autor tornou-se referência para a maioria dos autores que abordaram o tema. O seu texto passou a fazer parte dos encartes e catálogos turísticos da cidade, mesmo sem citar a fonte das informações⁴.

Em 1969 foi publicado o livro “São Cristóvão Del Rei”, constando dois artigos que fazem o leitor viajar pelas ruas da Velha Capital. No primeiro, “São Cristóvão e a procura do tempo perdido” de Manoel Cabral Machado apresenta o Senhor dos Passos como mais um morador da cidade, mais um da “gente boa”. Com tonalidade humorística o autor convida o leitor a passear pelas ruas estreitas e tortuosas, observar os ex-votos, a solenidade de Passos, pois “na festa de Passos, Sergipe inteiro faz promessas em São Cristóvão. Os devotos caminham de joelhos nas ruas, durante a procissão, acendem velas, carregam feixes de lenha, beijam o santo, depois, vão comer peixadas gordas” (MACHADO, 1969, p. 05). No segundo artigo, “São Cristóvão de minha saudade”, Junot Silveira retrata o cotidiano da cidade a partir da devoção ao Senhor dos Passos. É um texto com certa originalidade, pois registra o trajeto dos devotos desde o momento em que faz a promessa (voto) até o cumprimento com a desobriga e ex-voto. O autor percorre o itinerário doromeiro promesheiro de forma comovente, principalmente ao se referir à procissão do depósito, por ele chamada de fogaréu na qual:

É obvio que o préstito sai à noite, do Carmo à Matriz, em breve percurso que dura longo tempo. Muitos conduzem lanternas de vela e lamparina, cujas chamas agitadas pelo vento fazem lembrar grandes borboletas de fogo. E os penitentes, os que pagam promessa andando descalços, ou com um feixe de lenha à cabeça, se não mesmo de joelhos, jornada de sofrimento físico e de fé, as pedras do chão dilacerando a carne, o sangue doado ao Senhor na penosa caminhada, como ânimos poderosos, impulsionando a criatura de um templo a outro, supliciada por vontade própria, chegando ao fim da andança com o corpo

⁴ Muitos dos textos turísticos de São Cristóvão repetem as informações constantes no artigo de João Oliva Alves, sem referenciá-lo ou acrescentar novos dados. Por esse motivo, não incluiremos tais textos na análise da produção intelectual sobre o objeto estudado para evitar repetições desnecessárias.

moído, as pernas doloridas, mas a alma leve como pluma (SILVEIRA, 1969, p. 07).

Todo o texto de Silveira é permeado pelas práticas devocionais dos romeiros, que são os personagens principais. Para o pesquisador que quiser estudar a procissão nos anos sessenta, o relato de Junot Silveira é referência indispensável. Em 1982 Verônica Nunes realizou uma etnografia das procissões noturna e diurna, incluindo a transcrição do Ofício da Paixão, realizado nas sextas-feiras em preparação à solenidade. O artigo foi o primeiro a debruçar-se sobre os ofícios de Passos. A autora também destaca as diferentes expressões ex-votivas existentes na procissão noturna e traduz os sete passos da paixão executados nas procissões.

Em 1989 foi publicado o livro “Aspectos Históricos, Artísticos, Culturais e Sociais da Cidade de São Cristóvão” das autoras Ieda Maria Leal Vilela e Maria José Tenório da Silva. Ao abordar sobre a “Festa dos Passos” as autoras não inovaram em relação às publicações anteriores, merecendo destaque apenas por ter conseguido uma considerável circulação no meio acadêmico sergipano. Parece tratar-se de um novo olhar com velhas lentes. No mesmo ano foi publicado “São Cristóvão e seus monumentos” de Eliane Carvalho. O texto de caráter informativo descreve a imagem do Senhor dos Passos e a formação do santuário no claustro do Carmo devido ao depósito de ex-votos provenientes da tradicional “Festa de Penitência”.

Os textos até aqui analisados tem uma característica comum: não representam o olhar acadêmico. Os primeiros estudos universitários sobre a procissão dos Passos só começam a surgir a partir do ano de 2002. Mesmo assim, a solenidade quase sempre foi discutida como questão secundária à temática central. Contudo, os Passos passam a ser alvo de novos olhares. Os primeiros estudos sobre a procissão sob a égide acadêmica foram os artigos de Verônica Nunes. Em 2002 ela publica “São Cristóvão mantém tradição religiosa” no jornal “Gazeta de Sergipe” no qual é abordada a importância da solenidade, a origem da devoção ao Senhor dos Passos e a simbologia das imagens. Em 2003 a autora publica “A Procissão dos Passos: o ex-voto como imagem-testemunho do milagre”. Neste artigo Nunes faz uma discussão a respeito dos ex-votos do claustro do Carmo e da procissão do depósito, com uma breve descrição do cortejo processional.

Ainda em 2002 foi publicado “Sergipe Panorâmico”, lançando um olhar geral sobre todo o estado de Sergipe. A solenidade de Passos também foi alvo do olhar

globalizante da obra, sendo referenciada no tópico Panorama Turístico como a suposta “Festa da Paciência”. Outros olhares tangenciais sobre o universo dos Passos estão nas monografias de final de curso do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.

Em 2002, Rodrigo Reis Leite lançou seu olhar sobre o acervo do Museu de ex-voto de Sergipe. O objetivo do autor é tratar os ex-votos como fonte para estudo histórico. A procissão é apresentada apenas no momento em que o autor explica a origem do acervo museológico, sem aprofundar-se. Outra monografia que observa a mesma temática é a de José Nascimento dos Santos, que analisa a exposição de longa duração do museu. No que concerne à solenidade dos Passos a obra não inova, tendo em vista que esse não era o foco do monografista. O último estudo monográfico que referenciou a procissão foi o de Marta Helena Sampaio. A autora observou que a principal das romarias da cidade é a “festa do Senhor dos Passos, celebrada no segundo domingo da quaresma, e ainda com um número significativo de fiéis. Pessoas de várias localidades do Estado vêm depositar ex-votos (promessas), por graças recebidas” (SAMPAIO, 2004, p. 50). No entanto, olhares externos à academia continuaram observando a solenidade de Passos, como sempre de forma tangencial. Este é o caso do estudo de Ana Medina (2005) em “A Ponte do Imperador” que registra a participação das famílias de Boquim na procissão.

Em 2003 pela primeira vez a solenidade de Passos foi contemplada como foco central de análise pelos olhares acadêmicos. Antônio Bittencourt Júnior estudou a procissão enquanto fenômeno comunicacional com a dissertação “Procissão dos Penitentes do Senhor dos Passos: um estudo de comunicação na religiosidade popular, no município de São Cristóvão, no estado de Sergipe”. A obra apresenta uma proposta inovadora e promove uma leitura significativa sobre o evento. No entanto, alguns aspectos da reflexão são passíveis de questionamentos. O autor diz que a procissão teria começado a ser realizada ainda no século XVII. Esta data é improcedente, haja vista que neste século a igreja da Ordem Terceira do Carmo (local onde a imagem foi depositada) ainda não havia sido edificada. Também pode ser discutida a forma do autor classificar os devotos promesseiros do Senhor dos Passos de penitentes. Esta terminologia é inapropriada, tendo em vista que mesmo os penitentes e os romeiros do Senhor dos Passos cumprindo atos penitenciais em procissões, a finalidade central de tais práticas são distintas. Enquanto os penitentes rezam pelas almas, os devotos dos Passos rezam

para atingir benesses em vida. Além disso, o autor não deixa explícito o seu conceito de penitente. Outra lacuna que não foi observada por Bittencourt Júnior está relacionada com o fenômeno comunicacional, objeto de estudo do autor. Apesar de revelar as diferentes expressões comunicacionais da procissão, o historiador ignora o papel do sino na solenidade.

Outra dissertação que lança o olhar sobre a solenidade de Passos é a de Fábio Silva Souza, defendida em 2004. O pesquisador buscou analisar as diferentes temporalidades da cidade de São Cristóvão, com destaque para o tempo habitual ou ritual, no qual se insere a Procissão dos Passos. Apesar da inovadora proposta de realizar um passeio pela cidade, a obra apresenta algumas explicações incongruentes. Um dos mais graves problemas inerentes à análise é a completa ausência de crítica documental. O autor demonstra uma aparente ingenuidade ao confiar plenamente em relatos com pouca credibilidade, como os de guias turísticos. Baseado nestes testemunhos, Souza afirma que a procissão teve início no ano da transferência da capital, em 1855. Outro aspecto questionável é referente ao marco cronológico, delimitado entre 1590 e 2004. No entanto, a análise prende-se aos marcos extremos, abordando apenas o período de implantação e sucessivas transferências e dos primeiros anos do século XXI. Além das lacunas presentes na obra, a reflexão contém outras deficiências, principalmente no que concerne a incorporação das fotografias ao texto. Ao mesmo tempo em que Fábio Souza discute a procissão nos dias atuais, ele apresenta fotografias de períodos anteriores, sem datá-las.

Os últimos artigos sobre a solenidade são resultantes desta pesquisa monográfica. Em 2005 publicamos o artigo “Passos da Fé: a procissão do Senhor dos Passos em São Cristóvão entre 1886 e 1920”, no qual analisamos os principais momentos do deslocamento dos devotos para o santuário da igreja do Carmo. A análise reflete os primeiros resultados da pesquisa e algumas de suas conclusões hoje podem ser revistas. Na argumentação foi discutida a relação entre romaria e peregrinação. Neste aspecto o olhar da pesquisa tomou outro direcionamento, pois não percebemos mais a celebração como peregrinação e sim, como romaria. O último olhar científico sobre a procissão dos Passos foi publicado por Verônica Nunes e Magno Santos em 2006 na Revista da Fapese, com o artigo “Na Trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/Se”, que teve como foco de análise a participação da elite açucareira e dos segmentos populares. Os autores buscaram enaltecer a hegemonia do

primeiro grupo no transporte dos varões da charola do Senhor dos Passos nas procissões e a participação popular registrada por meio dos ex-votos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Pedro. *Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã: um esboço introdutório*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.

ALVES, João Oliva. Manifestações religiosas, folclóricas e efemérides. In: FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. p.

ALVES, Maurício. "Sinos". In: *Correio de Aracaju*. Ano XIV. Nº 3263. 16/10/1921.

CRUZ, José. "Aracaju de Outrora: a orquestra de Mestre Cula (contribuição ao estudo do folclore sergipano)". In: *Revista de Aracaju*. Ano VI. nº 06. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1957. p. 255-265.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*. Lisboa: LBL Enciclopédia, s/d.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MACHADO, Manoel Cabral. São Cristóvão e a procura do tempo perdido. In: *São Cristóvão Dei Rei*. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

NUNES, Verônica Maria Menezes. A Procissão dos passos: o ex-voto como "imagem testemunho do milagre". In: *Gazeta de Sergipe*. Caderno A, nº 13239. Aracaju, 15/03/2003.

RIBEIRO, J. Freire. "Cântico em Louvor a São Cristóvão". In: *Revista de Aracaju*. Ano IV, nº 04. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1951.

SANTOS, José Nascimento dos. *Museu do ex-voto de São Cristóvão: análise da exposição de longa duração*. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História), DHI, CECH, UFS.

SILVA, Clodomir de Souza e. *Álbum de Sergipe*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.

SILVEIRA, Jonot. "São Cristóvão de minha saudade". In: *São Cristóvão Del Rei*. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. "Ao Romper do Século XX: o município de S. Christovam". In: *O Estado de Sergipe*. Mar/Abr, 1917.